

Número da Inscrição: 41035

Título do Trabalho: DIN.DOWN.DOWN - Capoeira Acessível

Categoria: Práticas Humanísticas

URL do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=mM1z5bL_4fU

Descrição resumida

O objetivo geral do projeto DIN.DOWN.DOWN – Capoeira Acessível consiste em promover ações de valorização da diversidade cultural e étnica com foco no atendimento a pessoas com deficiência, principalmente os portadores da Síndrome de Down. Neste sentido – e mais especificamente para além de integrar a educação formal com saberes e fazeres da tradição oral e das linguagens da capoeira –, contribui modestamente com a ampliação das condições políticas, sociais e culturais que garantem de forma institucional o acesso a fontes de conhecimento da cultura afrobrasileira, aportando questões transversais no âmbito das relações das identidades e cidadania, tanto no plano da interracialidade como no plano da inclusão. O projeto DIN.DOWN.DOWN – Capoeira Acessível vem realizando uma série de atividades baseadas nas temáticas da “acessibilidade” e da “cultura de matriz africana” articuladas sob três eixos de ação: formação, informação e comunicação. Sob o eixo da “formação”, realiza oficinas de capoeira, maculelê e outras manifestações culturais de matriz africana, com foco na participação de pessoas com deficiência, essas oficinas ocorrem na APAE-Niterói que, por sua vez, localiza-se no Morro da Chácara, que faz parte da maior “favela” do município, o Morro do Estado. Sob o eixo da “informação”, promove a articulação entre agentes, grupos, escolas, universidades e instituições que estejam investindo em programas, atividades, ações e debates sobre as questões da cultura afro-brasileira e da acessibilidade. Sob o eixo da “comunicação”, fortalece os vínculos sociais e de elevação da autoestima e empoderamento da população afrodescendente e das pessoas com deficiência, através de encontros para troca de saberes e fazeres. A tônica do projeto é o da acessibilidade da cultura de matriz africana, principalmente a capoeira enquanto Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e da Humanidade e está totalmente alinhado com as leis que versam sobre os direitos humanos em articulação com a cultura. Neste projeto é a humanidade que está em questão no resgate de valores como o respeito às diferenças, à família, à sua própria identidade cultural, à prática da solidariedade, do companheirismo, da ética, da tolerância e dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. Segue link de portfólio resumido do projeto: <http://gingascapoeira.com/index.php/portfolio-din-down-down/>

Há quanto tempo a prática está em funcionamento?

Apesar da prática ter se iniciado em 1992 de maneira espontânea, apenas em 2003 se consolidou formalmente.

Qual a principal inovação da sua prática?

O mais robusto fator de inovação da prática é a abordagem e sustentação conceitual a respeito de “potência” que vai na contramão da maioria das práticas e instituições que trabalham com acessibilidade. Diferentemente da grande maioria das ações voltadas para o público em questão por outros atores sociais e instituições, o foco do Din.Down.Down, não é a “deficiência” e sim a “potência”, ou seja, as ações do projeto não focam na limitação, no que o indivíduo não pode fazer, e sim no que ele possui de potência para expressar a própria existência, criando assim um ambiente de empoderamento, aceitação própria e auto estima. Por conta desta abordagem inovadora a respeito da ideia “potência”, o projeto foi reconhecido pelo Rumos Itaú Cultural Educação Cultura e Arte como um dos projetos mais relevantes na

área de acessibilidade cultura no Brasil. Atualmente o Din.Down.Down é um método que se multiplica não apenas na área da cultura, mas principalmente da educação através de capacitações e palestras com TEDx. O método também compreende diversas “pequenas” inovações/invenções/tecnologias como o ”besourinho” que é uma haste flexível com um besouro de brinquedo amarrado na sua extremidade. A função desse brinquedo pedagógico é a de ensinar de forma lúdica as esquivas (defesas) da capoeira, a outra invenção é o “Mestre Cadeira” que serve para ensinar a criança e/ou pessoa com deficiência executar golpes sem colocar em risco o companheiro. Estas técnicas serão explicadas a diante. Outra inovação importante é quanto à desconstrução do “lugar” subalternizado e merecedente de assistencialismo no qual são forçados a ficar as pessoas com deficiência intelectual. Por conta da abordagem a respeito do conceito de “potencia” acima exposto, todos tem a possibilidade de serem protagonistas como por exemplo um aluno do projeto com Síndrome de Down que pôde ministrar uma oficina de acessibilidade para capacitação do edital Cultura Viva do município de Niterói. Através da sua linguagem corporal e afetiva ele conseguiu, melhor que ninguém, mostrar realmente a importância da acessibilidade e, por conta disso, foi efusivamente elogiado pelos participantes como sendo a melhor exposição de todas naquela capacitação.

Explique o processo de implementação da prática

A história do projeto DIN.DOW.DOWN e da organização ARTE DA POSSIBILIDADE – GINGAS confundem-se com a própria trajetória de vida de um dos seus fundadores, David Nascimento Bassous, popularmente conhecido como o mestre de capoeira Bujão. Junto de seu coletivo, há mais de 15 anos o mestre vem oferecendo a capoeira e as práticas da cultura de matriz africana de forma sistemática, gratuita e pioneira, em especial, no atendimento às pessoas com deficiência em Niterói. Conforme publicação no livro Sentidos: Rumos Educação, Cultura e Arte 2011-2013 (VERUNSCHK, 2013, p.122) (link na internet: https://issuu.com/itaucultural/docs/sentidos_rumoseducacao), Mestre Bujão constrói uma “dupla formação”, navegando pelas tradições orais de matriz africana e pela pesquisa acadêmica. É reconhecido pelo Ministério da Cultura como griô – guardião da memória e da tradição oral de um povo – e tuxaua – indivíduo influente – na articulação contra a intolerância religiosa e cultural. Neste caminho de formação, Mestre Bujão idealiza o projeto Din.Down.Down – Capoeira Especial e começa a atuar na cidade de Niterói de forma autônoma. Destacam-se dois importantes fatos que desaguaram na formalização oficial da entidade. O primeiro foi a oferta de uma oficina de capoeira e brincadeiras da cultura popular na praça de São Domingos, conhecida como Cantareira. Essa oficina voltava-se aos moradores do entorno das comunidades locais, atendendo prioritariamente crianças em situação de vulnerabilidade social. Posteriormente, esta ação ganharia o prêmio ludicidade, sendo intitulada “Pontinho de Cultura: o corpo como primeiro brinquedo cultural”. O segundo é o conjunto de ações desenvolvidas com às pessoas com deficiência, em parceria com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Niterói – APAE/Niterói, que oferecia gratuitamente a capoeira para os seus estudantes. No ano de 2003, as ações ganham um caráter mais formal. Com a força de seu trabalho, e junto de amigos e amigas que lutavam pelos mesmos ideais, neste solo fértil, Mestre Bujão funda a organização sem fins lucrativos ARTE DA POSSIBILIDADE – GINGAS. Vale salientar, a título de maior precisão histórica, que o Mestre Bujão iniciou informalmente o trabalho de capoeira para pessoas com deficiência na Escola Especial “Curso Solange Dreux” em 1992 e na Casa Maria Magdala onde ministrava aulas de capoeira como voluntário para crianças com HIV e que sofreram violência doméstica. Presentemente o projeto permanece na APAE – Niterói segunda-feira às 10:00 e quinta-feira às 15:30.

Quais os fatores de sucesso da prática?

Um dos balizadores sobre o sucesso do projeto é quanto ao prestígio junto ao público: atualmente o projeto possui o reconhecimento de instituições públicas e privadas e principalmente da comunidade tendo recebido diversos prêmios e ganhado editais, dentre eles: Prêmio Cultura Afro Fluminense – Secretaria de Estado de Cultura/RJ - 2016; Rumos Itaú Cultural – 2011 (o único projeto contemplado em todo Estado do Rio de Janeiro em um panorama de 941 iniciativas desenvolvidas em todo Brasil); Pontinho de Cultura – Prêmio Ludicidade 2ª Edição – Ministério da Cultura 2010; Pontinho de Cultura – Prêmio Ludicidade 1ª Edição – Ministério da Cultura 2009; Pontos de Valor – Ministério da Cultura 2009; Ação Griô – Ministério da Cultura 2003. Além desses, Mestre Bujão recebeu uma Moção de Aplauso da Câmara Municipal de Niterói (número 318/13) pelo projeto em questão. Porém, para, realmente, identificar os fatores de sucesso da prática, antes de tudo é necessário entender a forma de avaliação que possuímos no DIN.DOWN.DOWN, pois uma ponderação acurada a cerca dos resultados é de extrema importância nesse processo de construção contínua e coletiva, sendo necessárias as informações mais corretas possíveis para a credibilidade necessária do projeto como um todo. Sendo assim, nos empenhamos em criar um processo sistemático de delineamento, obtenção e fornecimento de informações úteis ao julgamento de alternativas e de decisão. Dessa forma, a avaliação faz parte de uma lógica que nasce junto com o projeto, que se inicia com um diagnóstico do problema, planejamento da ação, implementação, avaliação e disseminação. Os principais “índices” para a avaliação do projeto se baseiam em se nos afastamos ou nos aproximamos dos nossos objetivos e, se é um processo contínuo de ação e reflexão. Dentro dessa lógica, percebe-se uma grande mudança de atitude, não apenas junto aos participantes do projeto e seus pais que tem suas autoestimas elevadas e a construção de uma consciência cidadã fortalecida, mas também de gestores da área da educação, professores e o público em geral sobre a importância dos saberes e fazeres tradicionais na educação e sua relevância enquanto fator fundamental na construção da identidade do povo brasileiro. O Din.Down.Down, a cada reflexão/avaliação se mostra como arena dessa luta contra o preconceito e a discriminação, pois antes onde se viam pessoas se afastarem frente ao diverso, vemos a convivência ética e os “ditos normais” aprenderem respeitosamente com pessoas que carregam o estigma de síndromes variadas. Podemos ver nitidamente a provocação de um olhar crítico e reflexivo quando crianças e adolescentes das escolas públicas, e também privadas, tem esse aprendizado através da convivência com as crianças com deficiência e seus familiares. Enfim é fácil perceber que a experiência tem dado certo – além das premiações e reconhecimentos acima mencionados – porque ela provoca mudanças nas ações dos indivíduos e comunidades bem como proporciona momentos reflexivos capazes de modificar o cotidiano.

Descreva resumidamente as etapas de funcionamento da prática

Anualmente ocorrem aproximadamente 70 “oficinas griô” gratuitas de capoeira, elas se dividem 2 vezes por semana durante todo o ano. O projeto realiza de 2 a 4 apresentações fora da instituição, algumas oficinas de artesanato, não mais que 3. O termo “oficinas griô” surge de duas perspectivas pedagógicas do fazer. O conceito de oficina que atuamos que se refere ao processo do fazer artesanal onde o participante constrói seu saber no seu ritmo, sendo ele mesmo o autor de si, mas coautor do fazer coletivo; Griô, pois tem o objetivo de atuar na formação educacional de crianças e jovens através da sabedoria popular da qual os Mestres e Griôs são zeladores. O projeto trabalha com o conceito de “encantamento” do método da “pedagogia griô”. Um conceito importante na metodologia que o Din.Down.Down utiliza é a da “papoeria”: um bate-papo no início e final dos encontros. Isso se dá com seguinte dinâmica: nós (todos os participantes) nos cumprimentamos, sentamos no chão em círculo e deixamos

fluir a conversa por uns 10 minutos, lembramos o que fizemos no último encontro, contamos \\\"causas\\\" ou tocamos em assuntos como racismo, deficiência, sexualidade e preconceito. Depois desse “aquecimento afetivo”, fazemos um aquecimento corporal imitando os gestos e posturas de animais, objetos e plantas (cachorro, onça, árvore na ventania, cadeira). A turma então é dividida; parte toca os instrumentos, parte treina os gestos da capoeira (ginga, esquivas, golpes, floreios) durante 10 minutos aproximadamente, as posições são invertidas: quem estava na prática da musicalidade, inicia a prática da gestualidade e vice-versa. Nessa dinâmica não é estabelecido o que é certo, não se considera erro ou limitação, e sim afeto e potência, ou seja, cada participante se expressa da sua maneira. Fazemos a brincadeira do besourinho onde um besouro esculpido com isopor e afixado na extremidade de uma haste flexível “voa” pela roda e passa perto dos participantes que tem que se esquivar sem deixar que o besouro toque seus corpos, a brincadeira é seguida de uma música que remete ao grande Mestre Besouro: Besourino, Besourinho Zum Zum Zum Besourino, Besourinho (...) Brincamos também de Mestre Cadeira que consistem em colocar uma cadeira no centro da roda e vesti-la com uma camisa e um chapéu para que os alunos joguem capoeira com ela: o objetivo é fazer os golpes da capoeira sem encostar no Mestre Cadeira caso alguém encoste, o aluno tem que parar de jogar e pedir desculpas para o Mestre Cadeira. Essas práticas lúdicas são muito divertidas e habilitam tanto o aprendizado da defesa através das esquivas como o do ataque de forma responsável e consciente. Por fim, gesto e música se fundem e criam o ritual da roda da capoeira em toda a sua completude. Ao finalizar a roda escolhemos entre maculelê, samba de roda e puxada de rede para ensaiarmos um pouco e mais uma vez praticamos o falar e ouvir na \\\"papoeira\\\". Nos levantamos e guardamos os instrumentos e nos despedimos com abraços.

Quais as dificuldades encontradas?

Há muitas dificuldades de cunho material/financeiro, mas que possuem estratégias para solução, como firmar alianças com parceiros, apoiadores e patrocinadores, leis de incentivo e projetos de sustentabilidade em andamento, como a confecção e venda de instrumentos e criação de um grupo profissional constituído de pessoas com deficiência para apresentações. Porém, a maior dificuldade na execução e disseminação desse projeto tem sido o preconceito e a discriminação que determinados grupos religiosos exercem contra as expressões de matriz africana. Muitas vezes somos impedidos de entrar em escolas com nossos atabaques, pois o diretor pertence a esse segmento religioso. Na trajetória do projeto e dentro da cultura afrobrasileira, ouvimos muitas vezes: “isso é coisa do diabo!” e crianças já chegaram a nós chorando e pedindo para participarem do projeto escondidas dos pais, o que por motivos óbvios não podemos fazer. Contra ações fascistas como desse segmento religioso estamos criando estratégias coletivas de enfrentamento à discriminação e intolerância cultural e religiosa de matriz africana, ou seja, esta dificuldade também se constitui como uma oportunidade de constituir uma rede de intervenções culturais, educativas, informativas que contribuam para ampliar a discussão sobre as práticas de intolerância frente a diversidade na sociedade civil como um todo, e em especial em Niterói.

Infraestrutura

Afim de justificar o objeto de suas ações (acessibilidade e garantia de direitos das pessoas com deficiência), a entidade firma parcerias constantes com escolas e instituições que atendem este público especial, rodeando-se da estrutura e condições necessárias para efetivar suas realizações. Dentre estes parceiros, destacamos a APAE/Niterói, localidade onde realizamos nossas oficinas regulares e que, também por ter como objeto direto de suas ações o atendimento a pessoas com deficiência, naturalmente, reúne todos os pré-requisitos em seu espaço para garantir a qualidade no atendimento. Além disso, contamos com os equipamentos do Ponto de

Cultura Casa da Cultura Afro-brasileira como instrumentos musicais, colchonetes e tatames, data show, computador e impressora para confecção de fichas de inscrição e arquivamento. Vale ressaltar que ainda necessitamos uniformes, verba para o evento de fim de ano dentre outras demandas e que se caso formos contemplados com o prêmio que hora nos inscrevemos, poderemos robustecer sobremaneira as nossas ações.

Orçamento

Conforme elucidado acima, contamos com parcerias e trabalho voluntário que possibilitam a realização do projeto, contudo podemos fazer uma estimativa de que, caso pudéssemos pagar todos os custos do projeto, ele teria o valor mínimo de aproximadamente R\$ 45.000,00 por ano.

Qual é a função profissional da pessoa ou natureza dos serviços prestados pela instituição que está se inscrevendo?

David Nascimento Bassous, Mestre Bujão, é o idealizador, coordenador e ministra as oficinas de capoeira do projeto. O proponente, além de Mestre de Capoeira, é reconhecido como Griô pelo Ministério da Cultura, Mestre em Ciência da Arte/UFF, Especialista em Acessibilidade Cultural/UFERJ e Palestrante TEDx.